

André Bueno

RESUMO: Variações livres, irônicas e alusivas, em torno dos seguintes assuntos: arte e sociedade, estética e política, intelectuais e poder.

PALAVRAS CHAVE: arte; sociedade; poder.

Sabemos todos que o campo da crítica literária, como qualquer outro campo das práticas sociais, é configurado e conflituoso, com posições em disputa e manobras, mais ou menos veladas, para conseguir uma posição de prestígio e reconhecimento. Não significa que esse campo seja legível e inteligível com facilidade, havendo sempre uma disputa cerrada, muitas vezes cifrada, por essa ou aquela partilha do sensível e do inteligível, definindo as posições e as hierarquias. Por esse motivo, sempre me pareceu muito suspeita a atividade crítica que esconde seus pressupostos e sua posição no campo, preferindo situar-se no plano olímpico e abstrato da atividade intelectual neutra e desinteressada, por certo que a serviço apenas dos mais nobres e elevados valores, planando sempre distante das impurezas do branco e da sujeira do mundo. Não é difícil notar que esse tipo de atitude esconde não apenas seus pressupostos mas, acima de tudo, a posição social do próprio crítico, seus interesses e aqueles do grupo que representa.

Por essa via, olímpica e abstrata, a dimensão estética da forma literária deveria estar sempre afastada e desligada do conhecimento crítico da vida social e histórica, como se fosse uma imperdoável grosseria referir e pensar as dimensões e determinações da vida cotidiana. Evitadas as resistências do real, as opacidades e as contradições podem ser deixadas de lado, abrindo caminho para um devir aberto, livre de coerções e constrangimentos, onde espíritos sutis e sofisticados, bem formados e sensíveis, exercitam o pensamento crítico e afirmam sua inalienável liberdade. Soa bonito, mas é mesmo bastante suspeito. É fácil perceber como esse tipo de

posição não faz a crítica da cultura e do conhecimento como privilégio, tornando o “estético”, o “literário” e a “imaginação” entidades sumamente desejáveis e defensáveis, jamais submetidas ao constrangimento de se confrontar com as duras determinações da realidade. Dito assim, de maneira brusca, não há como evitar a impressão de que um elefante, pesado e desajeitado, entrou na sala e balançou a perfeita limpeza e ordem dos cristais e dos bibelôs, provocando um riso de embaraço e de escárnio nos convivas da festa nada modesta onde circulam apenas o néctar e a ambrosia, puríssimos como cristais das formas para sempre inacessíveis aos espíritos vulgares e plebeus, sempre incapazes de bons modos quando se trata de pensar, sentir e entender os produtos da civilização e da cultura.

Continuando com a cena apenas imaginada, pode ser que os convivas disparem contra o incauto e grosseiro elefante, ponta de lança da plebe e da vulgaridade das ruas, a carga habitual de frases feitas e senso comum: a arte, oh, a arte precisa ser preservada, a qualquer custo, das vulgaridades utilitárias e pragmáticas da vida de todo dia e das hierarquias sociais, posto que a arte, oh, a arte, é um lugar sagrado, um refúgio, um santuário do estético não contaminado, que não pode, que de jeito nenhum poderia ser posta em relação com outra coisa que não sua própria beleza, sua própria forma e sua própria linguagem, para si mesmas voltadas, de si mesmas e para si mesmas geradas e concebidas, de modo imaculado e puríssimo. E sabemos, não devemos esquecer, que os bárbaros precisam ser mantidos sempre fora, do lado de fora da cultura e da civilização, do pensamento e da arte, da beleza e sua percepção que exigem, sim, exigem, nada menos que exigem, os dons e os dotes que são atributos apenas de uma minoria, digamos assim, de uma certa aristocracia do espírito, sensível, educada e desinteressada.

Envergonhado com seus maus modos e sua falta de compostura, o pobre elefante deveria bater em retirada, com o rabinho balançando envergonhado, cheio de culpa por ter ousado perturbar a confraria dos espíritos sublimes e desinteressados. Ouvindo ainda os brados enfurecidos, não apenas contra seus maus modos, mas também contra sua tentativa, desastrada e fracassada, de pensar a arte como parte inseparável da vida na pólis, como relação muito difícil e complicada entre civilização e barbárie, privilégio e violência, injustiça e esquecimento, vidas diminuídas e mutiladas, empobrecidas pela necessidade, e o caminho que poderia ainda levar aos acessos democráticos à vida na cidade, aos direitos vividos no

cotidiano, à beleza que pudesse ser entendida e compartilhada. Herético, o bárbaro na sala dos cristais e dos bibelôs poderia até mesmo afirmar, de modo enfático e direto, que a arte nunca é desinteressada, e que pode ser entendida, percebida e sentida por qualquer um, qualquer um mesmo, que possa ter uma formação, que possa ler, estudar e discutir, que possa ter ao mesmo tempo o direito à cidade e à civilização. Não para queimar os livros e destruir os museus, como os estetas mais refinados poderiam logo supor, muito menos para cuspir nos pratos e colocar os pés descalços sobre as mesas e as cadeiras, provocando náusea nos estômagos mais sensíveis. Para quem o horror supremo não seria nunca a miséria e a necessidade que degradam a vida e as qualidades sensíveis da vida, mas uma vez, de novo e sempre, as massas rebeladas, a plebe ignara querendo mais que os restos da mesa, a gentalha querendo participar da festa, iguais entre os iguais, como forma prática da vida política democrática, como forma próxima da beleza como valor comum e universal dos seres humanos.

Pode ser, imaginemos, que entre os aristocratas do espírito se encontrem também alguns tipos liberais, de coração sensível e delicado, que fiquem comovidos com esse súbito movimento dos brutos e dos bárbaros em direção a seus próprios interesses e direitos. Que fazer? Farinha pouca, meu pirão primeiro. Quem chegou lá não quer dividir. Quem chegou lá precisa defender sempre, e no mesmo compasso, a arte e a estética como reinos supremos e sublimes, o trabalho duro e alienado como virtude moral dos pobres e dos necessitados, a singeleza sensível do “povo”, suas maravilhosas e rústicas formas de cultura, sua notável clareza quanto ao fato, desde sempre sabido e inevitável, que há sempre os de cima e os de baixo, os que mandam os que obedecem, os que desfrutam e os que padecem, já que essa foi sempre a ordem natural do mundo. Desde que o homem é homem. Desde a época das cavernas. Passando por todas as épocas históricas e chegando ao presente, muitíssimo moderno, tecnológico, veloz e capaz de iluminar até mesmo o mais rombudo dos espíritos.

Que fazer? Misturada à mais legítima comoção liberal pelo sofrimento alheio, o tipo liberal acima referido poderia acrescentar uma pitada de astúcia a seus bons sentimentos e considerar que, bem, melhor conceder aos bárbaros alguma coisa, para que se acalmem e não queiram tomar tudo, exigir tudo, horror dos horrores, que precisa ser evitado a qualquer custo. Conceder apenas um pouco, não o acesso aos direitos e à vida civilizada, incluído aí o reino maravilhoso da beleza e da arte, mas uns

filmes de graça, exibidos de noite, a céu aberto, em alguma periferia; duas ou três sessões, também gratuitas, de alguma peça de teatro, que já estava mesmo paga e financiada pelo dinheiro público ou pela “isenção fiscal” de alguma empresa, ou seja, também dinheiro público tornado caridade; quem sabe alguns poucos concertos de música clássica, em finais de semana, nos parques públicos e também a céu aberto, levando a estética mais sublime, pelo menos um pouco, vá lá que seja, para distrair os bárbaros de suas aflições corriqueiras e cotidianas; ou livros, não muitos e nem sempre, mas livros, aureolados pela sublime luz que liberta os espíritos plebeus das trevas em que vivem, embora sejam seres bons e virtuosos, que aceitam pacificamente a servidão e o sacrifício inútil das próprias vidas. Ou seja, mais um discurso comovido e astucioso dos lobos para manter tranquilos e obedientes os cordeiros. Mas longe, lá fora, naqueles lugares estranhos e distantes onde vivem suas vidas pequenas e plebéias, com certeza incapazes de entender as regras do jogo e imaginar que podem ser mudadas.

Claro que, nessa altura da conversa, os espíritos mais sensíveis e atualizados vão lembrar o óbvio, o mais ululante de todos os óbvios: as “meta-narrativas” deram no que deram, sabemos todos e não devemos esquecer nunca, foi-se embora a utopia para a lata de lixo da história e devemos viver à vontade no pesadelo de todo dia, aceitando satisfeitos o que existe, mesmo que seja horror e injustiça. Confortáveis no inferno, sem ao menos querer buscar no inferno o que não seja inferno. Sem ao menos insistir um pouco. Sem ao menos se dar ao trabalho de não ceder tudo às resistências do real, nem que fosse como figuração da boa consciência infeliz e lamuriosa. Mas também pode ser que, num esforço liberal e multicultural, sejam aceitos uns negros, uns pobres da periferia, talvez uns nordestinos de sotaque carregado, umas mulheres, quem sabe uns índios, na sala de visitas da cultura e da civilização, da sensibilidade estética e do pensamento livre de amarras e de vis constrangimentos materiais. E se discuta, de forma amável e delicada, sem levantar muito a voz, não diretamente os problemas estéticos, com todas as suas exigências e dificuldades, mas alguma “estética da periferia”. Da periferia e sempre na periferia? Nem sempre, é claro, pois pode acontecer, e até com a facilidade, que os tais negros, nordestinos, índios, etc, gostem dos modos e da maneira de viver da confraria dos eleitos, tomem gosto pelo privilégio, aprendam os bons modos necessários, sejam aceitos e, digamos assim,

passem logo da periferia para o centro. Na passagem, mudando de posição geográfica, social, cultural e até mesmo étnica. Depois de muito tempo convivendo e circulando entre os brancos, como se sabe, um negro também se torna branco. E declara sua alvar brancura aos quatro ventos. Mostrando, para os céticos e os desconfiados, como são fluidas e fáceis de superar as barreiras de classe e as mais duras exclusões sociais. Embora ninguém da confraria dos eleitos, ninguém mesmo, leve a sério a hipótese de que os bárbaros convertidos possam entender o Kafka, o Machado, o Joyce, o Guimarães, o Drummond e o Cabral. Mas já é alguma coisa, é melhor que nada, será assim tão difícil de entender?

Também sabemos, e nunca devemos esquecer, quando se está de bem com a vida, satisfeito e saudável, não há motivo para insistir no negativo, fazer a crítica rigorosa do existente, exhibir a céu aberto os conflitos e as contradições, trazendo à tona as posições de classe e os interesses dos biscoitos mais finos da cultura e da civilização. Sorria, meu bem, sorria. A felicidade pode passar por qualquer porta. E a arte como conhecimento crítico e negativo da realidade, como força sensível e inteligível que não pacifica e não harmoniza o que não é pacífico nem muito menos harmônico, fica sendo o refúgio dos ressentidos e dos rancorosos, dos espíritos anacrônicos, dos que teriam uma singular disposição para contrariar, deixando de gozar a vida e os bons momentos que pode proporcionar. Para esses incuráveis pessimistas, sempre metendo os dedos na ferida, seria o caso de sugerir alguma terapia do otimismo, do conformismo crítico e bem pensante, tirando-os dessa disposição mórbida e negativa, que sem dúvida faz mal para a saúde e incomoda o “outro”. Ou, se tal tipo se apresentar em algum evento público, incomoda os “outros”. Que também pode, para dar-lhe maior dignidade ontológica e metafísica, ser nomeado como o “Outro”, com a maiúscula dignificante.

Pode ser esse o momento, continuemos imaginando, em que o espírito liberal e bem pensante que aceita e tolera o Outro, comece a falar da Índia, da África, do Oriente, da América Latina, com uma abrangência erudita e enciclopédica de almanaque, de rádio-relógio, de manual de frases feitas e lugares comuns, sem ter se dado ao trabalho de estudar, de pesquisar, de tentar entender a complexidade desse genérico e abstrato Outro. Mas que, convenhamos, mesmo sem estudo e pesquisa séria, dá um tom liberal e humanista a qualquer discurso acadêmico, fazendo com que o tipo entre logo para a galeria dos tolerantes repletos de bons senti-

mentos. Ardentes bons sentimentos pelo Outro, magnífico na sua inexistência concreta e abstraído de qualquer movimento contraditório que passe pela complexidade do real. Que, sabemos todos, é o lugar por excelência onde vivem os espíritos negativos, do contra, os estraga prazeres, atrapalhando o alegre e harmonioso convívio nos convescotes acadêmicos, essas formas supremas do tédio presunçoso e complacente. Ou pior, formas supremas do tédio presunçoso, complacente, pedante, empolado e abstruso. Fazer o quê? É preciso ganhar a vida, fazer um currículo, conquistar posições no campo onde se trabalha. Adelante, Rocinante. Vamos testar na prática a teoria do medalhão, daquele escritor negro que era chamado “o bruxo do Cosme Velho”. É assim que se ousa. É assim que se vence.

Disse um sábio chinês - não me lembro qual deles, seja como for respeitável e venerável como deve ser um Outro muito distante e não-ocidental, mais para o amarelo e nada branco, que *a sombra do poder favorece a percepção estética*, tornando claras as nuances e as sutilezas, além do mais acentuando o que há de incognoscível, de apofático e ilimitado na poesia e também nas artes menores. Excluída, nem seria preciso acrescentar, a prosaica realidade da vida comum e cotidiana. Como o sábio chinês se expressa por charadas sintéticas e herméticas, seria uma grosseira das mais vulgares querer analisar seu pensamento. Fica sendo percepção sintética *a priori*, sem necessidade de posteriores explicações, sempre cansativas e trabalhosas. Mas deu para entender, meio que no relance fulgurante da percepção, que às vezes não se trata, como se poderia imaginar, da partilha do sensível e do inteligível, mas da partilha dos cargos e das comissões. Partilha que, por uma estranha circularidade do pensamento, também acaba facilitando e tornando ainda mais prazerosa a percepção estética. De quebra, ampliando ao máximo o espírito tolerante e benevolente que deve ser a marca principal dos espíritos bem formados, abertos ao Outro, jamais dogmáticos e sempre com muito acesso ao que é vacante e plural. Mais que isso, sejamos justos, abertos, plurais, vacantes e indeterminados.

À deriva, com múltiplas e variadas identidades. Não um sujeito social situado, mas uma espécie de lugar vazio, ocupado de manhã por uma moda, à tarde por outra, e à noite por outra ainda mais diferente. Como se sabe muito bem, nada de fixar o sentido, de jeito nenhum encaminhar a conversa para as monótonas definições e determinações que limitam a vida cotidiana dos tais sujeitos. Como o leitor astucioso e sutil há

de ter notado, qualquer movimento em direção à realidade da vida cotidiana seria, desde logo, uma negação da “sociedade aberta”, liberal e democrática, uma cunha astuciosa que os defensores dos “sistemas fechados” introduzem na conversa, meio que assobiando, como quem não quer nada, na verdade sempre sequiosos pela volta dos “regimes totalitários”, com aquele imenso cortejo de burocratas, de policiais e de censores. Que foram jogados, muito justamente, na lata de lixo da História.

Mas pode acontecer algo diferente: os defensores da pureza, do belo e da imaginação montam suas trincheiras numa certa posição geográfica, certos de que estão a postos para defender a cultura e a civilização contra as novas invasões bárbaras. Ocupam os portos, aeroportos, rodovias e estações de trem. Sentem-se seguros e confiantes, sem nenhuma dúvida quanto ao sentido sublime da missão que se confiaram. É nessa hora que, por uma ironia que pode muito bem acontecer, mudaram os mapas, as posições e o sentido do combate. Os navios, aviões, trens e automóveis já não passam pelos antigos lugares. Mudou a geografia do mundo, do mundo real e do mundo imaginário. E os novos, os verdadeiros inimigos da cultura e da civilização, para quem a beleza e o sublime só interessam como valor de troca no mercado, passam tranquilos e sorridentes, luzidios, cheirosos e bem vestidos, com modos e maneiras de uma correção impecável, assépticos da mais pura assepsia, circulando pelo mundo numa espantosa e nova forma, homogênea e uniforme, veloz e voraz. E os acima citados impolutos defensores do belo, do sublime, da imaginação sem limites, dos sujeitos abertos, vacantes e plurais, ficam guardando uma geografia que já não existe, lugares vazios, por onde já não passam os tais inimigos da cultura e da civilização. Fazer o quê? São muito sutis e astuciosos os sentidos da História.

Mas também pode acontecer que, do outro lado da cidade, um estudante e um professor desconfiem dos sons maviosos das sereias de seu tempo. Desconfiem muito da aparente pureza do cenário, da limpeza excessiva, do afã incessante de romper todos os laços entre arte e realidade, literatura e sociedade, estética e política. Desconfiem ao extremo do movimento contínuo que evita as impurezas do branco, a sujeira do mundo, as dissonâncias e os desequilíbrios, enfim, tudo que não é harmônico, mas áspero e intratável, difícil de encarar e mais difícil ainda de entender e explicar. O professor e o estudante que habitam o outro lado da cidade sabem que estão caminhando num campo minado, cheio de armadilhas.

Sabem que têm nas mãos um baralho viciado, com as cartas todas marcadas, os argumentos e os contra-argumentos saltando de um velho e conhecido dicionário de idéias prontas e recebidas, de preconceitos sólidos, de pressupostos jamais postos em jogo. Sabem que estão em desvantagem, que vivem numa época recessiva e hostil. Então, aos poucos, como quem tateia no escuro buscando um caminho, uma saída do labirinto, uma via de acesso a um conhecimento novo, percebem que o adversário é forte. Assim sendo, imaginam uma estratégia simples e definida, que requer paciência, precisão e muita inteligência crítica: é preciso trazer para seu próprio campo a força do adversário. Como se fosse um xadrez imaginário, com movimentos novos e imprevistos.

Os limites que se apresentam para o estudante e o professor são simétricos e complementares, colocando em disputa a partilha do sensível e do inteligível, inseparáveis da dimensão estética e da forma literária. De um lado, estão aqueles que defendem, até o limite, as formas e as estruturas da arte e da literatura como pura autonomia, realidades de linguagem, em si mesmas cifradas e resolvidas, sem qualquer necessidade de apoios externos. Argumentam que assim é possível entender o específico da literatura e da arte, os procedimentos e os modos de criar estruturas de linguagem, dando relevo para as formas que rompem códigos e convenções estabelecidos. Para reforçar o argumento, aproximam os argumentos de um campo que seria objetivo e científico, livre de preconceitos e interferências subjetivas, sociais ou históricas. É como se estivessem limpando o campo da crítica dos escolhos, das interferências que interferem na percepção e no entendimento do que é específico na arte e na literatura. No vértice dessa posição, é claro, figura sempre uma crítica radical do realismo, como estilo de época, assim como de qualquer forma de representação artística da realidade, defendendo que se trata de uma pura ilusão, mera criação de efeitos, artifícios fáceis de entender e desmontar. Em suma, descartam a complexa e contraditória forma da realidade histórica e social, em suas dimensões objetivas e subjetivas, em favor de uma linguagem voltada para si mesma e a si mesma referida. Ao longo de várias décadas, e defendida de vários ângulos mais ou menos diferentes, essa posição ganha força e conquista adeptos e defensores.

No outro extremo do problema, como seu oposto simétrico e complementar, o estudante e o professor consideram a posição que defende o primado incondicional e direto da vida social e histórica diante das

formas artísticas e literárias, criando uma espécie de subordinação, de relação dada como certa e segura, em que a literatura e a arte aparecem como uma espécie de ilustração dos processos históricos e sociais, sem maiores cuidados ou mediações. Argumentam que a literatura e a arte são diretamente determinadas pela realidade de cada época, apenas refletindo o jogo das forças sociais e das classes em conflito, seus interesses e suas posições ideológicas. Na mais extrema variação desse argumento, defendem que a arte e a literatura precisam estar a serviço de uma causa, de alguma construção histórica e social, de um partido político e suas posições, deixando de lado o que consideram desvios e patologias, tomando o partido do otimismo em relação ao futuro radioso que certamente virá. Como estão em posições de mando, condenam os que se opõem a esse modelo, exclusivo e fechado, ao ostracismo, à prisão ou ao exílio. Não é difícil perceber como esse tipo de posição submete a partilha do sensível e do inteligível a uma definição estrita do que se possa entender como realidade, reduzindo a dimensão estética a um argumento do poder. Não por acaso, esse extremo autoritário carregou de sentidos negativos e pejorativos a pobre palavra “engajamento”, que passou a ser entendida, sempre e em qualquer contexto, como sinônimo de fim da liberdade do artista. De quebra, já que o adversário não é bobo, aproveitaram para estender o sentido negativo da malfadada palavra “engajamento” para toda e qualquer tentativa de relacionar arte e realidade, literatura e sociedade, estética e política. Seriam tentativas desde logo fadadas ao fracasso. Inútil argumentar que essa relação estreita e redutora existiu apenas em um certo momento histórico, ligada a um contexto bem definido e inteligível, de jeito nenhum abrangendo todo o campo de problemas levantados pelo debate crítico. A oportunidade era boa demais para ser desperdiçada. Visto assim do alto, e de longe, parecia um xeque-mate.

Considerando com atenção e cuidado o problema, o estudante e o professor que vivem do outro lado da cidade perceberam que era preciso elaborar um modelo crítico que levasse em conta os ganhos e as perdas, os avanços e os recuos, as forças e as fraquezas das posições simétricas e complementares que definem o campo em disputa. Desde logo, estava claro que não se tratava de entregar o pensar aos lobos. Muito menos de usufruir a generosa sombra do poder, aquela que favorece a percepção estética livre e desinteressada, conforme ensinamentos do sábio chinês já referido. Tampouco seria preciso pensar a arte e a cultura na pura esfera do

privilégio, isolando-as de qualquer movimento democrático civilizado, de todo processo que possa educar e formar os cidadãos para a leitura, a fruição estética e a percepção inteligente da dimensão estética e social da arte e da literatura. Assim fazendo, o estudante e o professor por certo que estavam relacionando estética e ética, entendida como crítica rigorosa da violência e da injustiça social, que distribui os privilégios de maneira tão desigual. Mas de jeito nenhum defendiam que arte e literatura devessem ser isso ou aquilo, defendessem essa ou aquela posição, tomassem esse ou aquele partido. Seria como aceitar o xeque-mate do adversário.

Examinando o lado formal e estrutural das posições em disputa, o estudante e o professor percebem, com isenção, que aí se encontra um ganho importante, a saber, a própria consideração detida e refletida da linguagem da arte e da literatura, as técnicas e os procedimentos que dão forma ao material. Percebem que esse estudo detido e atento evita certas reduções e esquematismos, evitando que arte e literatura sejam consideradas apenas pretextos para se entender os processos históricos e sociais. É um ganho importante, mesmo que venha, como às vezes veio, no contexto de um pensamento elitista e conservador, sempre interessado em isolar a literatura e a arte da sujeira do mundo e das impurezas do branco. Mas o movimento seguinte do xadrez imaginário indica também o limite da posição que enfatiza a forma e a estrutura, já que se trata, ao mesmo tempo, de um ganho considerável e de uma redução ainda maior. Ao fechar o círculo da forma e da estrutura, a posição crítica perde o sentido complexo e contraditório da vida social e histórica, das dimensões objetivas e subjetivas da vida cotidiana, enfim, dos processos dinâmicos difíceis de entender e de interpretar, sempre que o crítico se afaste dos esquemas, das reduções e dos lugares comuns já bem estabelecidos. Ou seja, o estudo das formas e das estruturas estéticas é sempre um ganho mas, ao mesmo tempo, uma formidável redução na partilha do sensível e do inteligível. O estudante e o professor precisam continuar analisando as posições em jogo, já que estão elaborando um modelo crítico elaborado que vá além do campo minado com o qual o tempo todo se deparam.

Analisando o outro extremo do problema, o estudante e o professor percebem que é preciso ir além das posições que reduzem a literatura e a arte a meros espelhos, subordinadas que ficam a uma igualmente restrita partilha do sensível e do inteligível, funcionando como meras ilustrações e pretextos para o conhecimento direto da História e da sociedade.

Posição que tem, percebem desde logo, um ganho evidente, pois chama a atenção para a dinâmica dos processos históricos e sociais, para os conflitos e posições em jogo, enfim, para tudo que dá um lastro nada ilusório de realidade à arte e à literatura. Mesmo quando se trata das dimensões mais extremas do mundo subjetivo, supondo uma total separação entre arte e sociedade. Seguindo por esse caminho, percebem inclusive que justo essas posições isoladas e subjetivas, extremas no seu isolamento, podem dizer muito sobre a sociedade em que foram criadas.

Consultando as fontes e as referências críticas da tradição, o estudante e o professor continuam fazendo perguntas e imaginando um modelo de análise que não seja redutor, que evite os problemas dos pólos opostos e simétricos que definem o campo de seus estudos. Decidem, numa inteligente manobra tática, que o melhor a fazer é analisar diretamente as obras de arte e literatura, sem cair na armadilha das infundáveis discussões teóricas, quase sempre destinadas a distanciar a análise de seus objetos de estudo. Posição discreta e sóbria, que tem a vantagem de evitar o falso brilhante dos argumentos brandidos e esgrimidos na arena pública das vaidades, como se fossem sempre a ponta-de-lança do mais atualizado pensamento crítico, volta e meia vazado em linguagem hermética e pomposa, repleto de citações intrincadas e tortuosas, como que destinadas a mostrar a superioridade do crítico sobre seus possíveis e ingênuos leitores. Não pode ser assim para o estudante e o professor, que defendem uma dimensão democrática, educativa e civilizada, para o trabalho de pesquisa que realizam, com cuidado e passo a passo. Levam em conta, sempre e o tempo todo, que qualquer cidadão pode entender as sutilezas da forma estética, assim como os argumentos críticos mais elaborados, desde que tenham acesso a esse mundo, e possam ter uma formação de bom nível. Como se continua notando, o estudante e o professor combatem a cultura e a arte como privilégios de minorias. Mas estão atentos para um outro problema, de pólos simétricos e igualmente complementares: precisam evitar o elitismo e o populismo, o privilégio e a demagogia. Fácil não é, porém o primeiro passo é mesmo difícil. Fazer o quê, *Cordélia Brasil*? É preciso insistir e continuar.

O estudante e o professor decidem insistir e continuar. Percebem que é preciso não jogar fora a criança junto com a água suja do banho. Com essa intenção, começam a por em movimento um outro modelo crítico, que relacione de forma cuidadosa e mediada arte e realidade, literatura

e sociedade, formas estéticas e processos sociais. Com cuidado, passo a passo, evitando as muitas armadilhas do campo minado em que se movem. Se há movimento, se os processos sociais e históricos são sempre dinâmicos, complexos e contraditórios, também há uma dinâmica interna das formas estéticas e os muitos modos de dar forma ao material de que o artista dispõe para trabalhar. Se há movimento e os processos são dinâmicos, podem considerar e relacionar as passagens do externo para o interno, do fora para o dentro, assim como o vice-versa, ou seja, as relações do material formado com as formas históricas e sociais. Caso a caso. Sem generalizar. De jeito nenhum com a intenção de estabelecer um dogma, uma forma única e fechada de representar a contraditória e complexa mobilidade do real. Nas duas pontas do processo analítico, considerando sempre a importância da dimensão ao mesmo tempo estética e social das formas que estudam e tentam entender. Não é um trabalho fácil. Ao contrário, é um trabalho exigente e rigoroso, que exige paciência, disciplina e muita imaginação crítica. Numa refutação discreta e eficaz da crítica constante de seus opositores, mostram muita sensibilidade quando tratam das sutilezas e meandros da dimensão estética. Mas não perdem de vista a igualmente importante dimensão social do modelo crítico que vão, passo a passo, com cuidado e paciência, elaborando.

A certa altura do trabalho, notam que há outros professores e estudantes interessados no modelo crítico que estão elaborando. Como é natural, há uns nós críticos mais difíceis, que são postos em discussão, chegando às vezes aos próprios fundamentos do trabalho que estão realizando. Como não se trata de definir, de uma vez por todas, uma partilha fechada e exclusiva do sensível e do inteligível, o estudante e o professor que vivem do outro lado da cidade consideram com cuidado e atenção as críticas, embora não demonstrem nenhum gosto particular pela polêmica. De certo modo, volta e meia parecem como que tomados por um tédio à controvérsia, lembrando aqui uma vez mais aquele famoso escritor carioca apelidado “bruxo do Cosme Velho”. Aquele mesmo, que parecia estar fazendo uma crítica geral e abstrata das mazelas da condição humana, cético e pessimista como parecia ser, mas que poderia ser lido, com mais proveito, como crítico de uma sociedade atrasada e escravista querendo posar de moderna e avançada. Mazelas muito específicas e particulares, mediadas pelo favor e dando destaque para a figura tão relevante do *cana-lha cordial*, em suas muitas variações. Ou seja, dos varões sabedores, ilus-

trações práticas e cotidianas da famosa *teoria do medalhão*, do já citado “bruxo do Cosme Velho”.

À medida que avançavam na elaboração de seu modelo crítico, o estudante e o professor se afastavam, cada vez mais, das visões amenas e cordiais, tanto da arte quanto da sociedade. Percebiam algo muito diferente de amenidades cordiais, tertúlias literárias, convescotes acadêmicos, trocas constantes de interesses e favores, e uma também constante intenção de evitar conflitos e contradições. Percebiam, o estudante e o professor, interesses em jogo, conflitos entre as classes sociais, fortes contradições entre as promessas civilizatórias da arte e da literatura e a realidade social violenta, repleta de marcas bárbaras e regressivas. Que fazer? Poderiam muito bem virar as costas para o problema, tomar um banho lustral de pureza intelectual, e seguir adiante em suas carreiras. Aliás, com muito mais conforto e tranquilidade. Como se sabe, dá muito trabalho não entregar o pensamento aos lobos. Dá mais trabalho ainda insistir na crítica da injustiça e da violência, pois são assuntos delicados e difíceis, que tendem a instalar desconforto e mal-estar nas rodas cultas e cultivadas, atualizadas e ciosas de seus privilégios. Claro que o estudante e o professor eram considerados, muitas vezes, como elefantes pesados e desastrados entrando de repente na sala, de passagem quebrando os cristais e as porcelanas. Com os maus modos típicos dos que não entendem as regras implícitas das boas comédias ideológicas, onde vestir as máscaras certas e achar a posição correta em relação ao poder representa sempre considerável esforço e imaginação, num aprendizado que toma tempo. Na verdade, toma muito tempo, até que o corpo se acostume à curvatura da coluna e a mente se torne inteiramente adaptada ao que existe e que, apenas por existir, é bom, belo, justo e verdadeiro. Besteira deixar a sombra do poder, pois é justo aí que a percepção estética se torna mais sutil e aguçada.

Passo a passo, o estudante e o professor que vivem do outro lado da cidade continuavam criando um modelo crítico que não desconsiderasse nem as formas sociais e históricas, nem as formas estéticas. Não que houvesse um ponto médio ideal entre esses pólos opostos. O tempo todo era preciso por em movimento as relações mútuas entre os tais pólos, indo de um a outro, voltando sempre para o que mais interessava, a saber, a própria forma, a própria estrutura artística e literária. Ponto de partida e ponto de chegada. Mas não um ponto final, como se poderia imaginar.

Críticos em relação a suas próprias premissas, o estudante e o professor às vezes consideravam o modelo que estavam criando por demais rígido. Era como se percebessem que algo importante poderia se perder justo na mais precisa análise crítica. Poderiam deixar para seus adversários a percepção desse possível problema, poupando-se o trabalho de criar outras variações no xadrez imaginário que jogavam. De fato, seria muito mais cômodo e confortável. Mas foram em frente, já que não queriam atolar em algum dogma. Na seqüência da análise, perceberam que o modelo poderia ser ainda mais preciso e móvel, tornando-se capaz de entender um pouco melhor as sutilezas da relação que liga arte e sociedade. E foram criando variações sutis, abertas ao que é móvel, conflituoso e contraditório. Ao que não se fixa nem na abstrata e ilusória liberdade, nem na rígida fixidez do que seria apenas necessidade e determinação. Ao que não se torna um sistema completo, fechado e definido, absorvendo tudo numa totalidade imóvel e também fechada, insensível ao que é passageiro, particular e sensível, como se fossem partes negativas que recusam o conforto de se reconciliarem num todo, sempre suspeito de fixar as figuras da autoridade e da ordem. É como se buscassem, cada vez mais, a sintonia fina da análise, a sutileza e a precisão que podem perceber melhor o movimento das formas, na sua existência ao mesmo tempo sensível e inteligível.

Passo a passo, o estudante e o professor que vivem do outro lado da cidade avançam, evitando com cuidado as armadilhas do campo minado onde se movem. Minado pela presença constante do senso comum, do preconceito, do estereótipo, da rigidez dogmática, do falso brilhante das atualizações fáceis e ligadas à moda. Do outro lado da cidade, o estudante e o professor continuam pensando e pesquisando. Há muitas perguntas, e as respostas nunca são fáceis. Sabem que o pior de tudo seria se tornarem figuras congeladas, medalhões de academia, varões sabedores, figuras rígidas na galeria dos defensores da ordem. A céu aberto, continuam pensando e pesquisando. Talvez encontrem seus leitores. Talvez não encontrem. Quem sabe?

ABSTRACT: Free variations, ironic and allusive, around the following issues: art and society, aesthetics and politics, intellectuals and power.

KEY-WORDS: art; society; power.